

“LIBERTADORES DA AMÉRICA”

José Antônio de Ávila Sacramento

O nome original do maior e mais importante torneio interclubes do futebol sul-americano é “Taça Libertadores da América”, certame criado em 1958 pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol ou CSF). Da sua primeira edição, no ano de 1960, participaram os clubes campeões de sete países, sagrando-se campeão o time do uruguaio do Peñarol, após vencer, na final, o Olímpia, do Paraguai; a denominação do certame homenageia lideranças tais como Simón Bolívar, José de San Martín, Francisco Miranda, Bernardo O’Higgins, Antônio José de Sucre, Túpac Amarú e Gaspar Francia, que atuaram no processo de independência de diversos países, engajados num ideal de libertação maior que visava inclusive a formação de uma grande nação pan-americana.

Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon (ufa!), ou simplesmente Dom Pedro I (1798-1834), o “libertador brasileiro”, pode também considerado como um dos “Libertadores da América”, mas é importante saber que processo de independência brasileiro foi destituído de caráter guerreiro ou revolucionário, foi um episódio pacífico, um ato político, e, conceitualmente, a Copa Libertadores da América buscou homenagear os libertadores que expulsaram os colonizadores da região. Diz a história que com a popularidade cada vez mais em alta, D. Pedro ia de Santos para a capital paulista, quando recebeu uma correspondência de Portugal, comunicando que fora rebaixado da condição de Regente a mero Delegado das Cortes de Lisboa. Revoltado, ali mesmo, em 7 de setembro de 1822, junto ao Riacho do Ipiranga, o herdeiro de D. João VI resolveu romper definitivamente contra a autoridade paterna e declarou a independência do Império do Brasil, quebrando os últimos vínculos entre Brasil e Portugal. De volta ao Rio de Janeiro, foi proclamado, sagrado e coroado Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil. Mais tarde voltou a Portugal, com o título de duque de Bragança, assumiu a liderança da luta para restituir à filha Maria da Glória o trono português que havia sido usurpado pelo irmão, Dom Miguel, travando uma guerra civil que durou mais de dois anos. Criou uma força expedicionária nos Açores (1832), invadiu Portugal, derrotou o irmão usurpador e restaurou o absolutismo. Como voltou tuberculoso da campanha, morreu no Palácio de Queluz, na mesma sala onde nascera, com apenas 36 anos de idade, em 24 de setembro de 1834. Foi sepultado no panteão de São Vicente de Fora (Lisboa) como um simples general, e não como rei! No sesquicentenário da Independência do Brasil (1972), os restos mortais dele foram trazidos para a cripta do monumento do Ipiranga, em São Paulo.

Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios y Blanco, cognominado o “George Washington” da América Latina, é o ídolo supremo do presidente-ditador venezuelano Hugo Chávez. Ganhou o apelido de “El Libertador” devido a um acontecimento bem mais turbulento do que o Grito do Ipiranga: após um período de

exílio na Colômbia, Bolívar e sua tropa invadiram a cidade de Mérida, na Venezuela, no dia 23 de maio de 1813, dando início à independência daquele país. Ele nasceu em Caracas, então Vice-Reinado de Nova Granada, atualmente Venezuela. Dedicou sua vida à luta contra a presença espanhola na América do Sul. Com a saúde minada pela tuberculose, sem recursos e sem apoio político, morreu na Quinta de São Pedro Alexandrino, perto de Santa Marta (Colômbia), em 17 de dezembro de 1830. O corpo dele foi trasladado para Caracas, onde repousa no Panteão Nacional.

José Francisco de San Martín y Matorras foi um general argentino e o primeiro líder da parte meridional da América do Sul que obteve sucesso no seu esforço para a independência da Espanha. Participou ativamente dos processos de independência da Argentina, do Chile e do Peru. O encontro dele com Simón Bolívar deu-se na cidade de Guaiquil, em 1822. Até hoje não se sabe o teor da conversa entre os dois, mas, depois desse encontro, San Martín decidiu abandonar o Peru e deixar para Bolívar a tarefa de torná-lo independente. Após o encontro, Martín exilou-se na Bélgica e depois na França, onde faleceu.

Francisco Miranda (1750-1816) foi um general venezuelano – “El Precursor” – que participou de três revoluções da sua época: a francesa, americana e a hispano-americana. Na casa dele reuniam-se habitualmente Simón Bolívar, San Martín, Bernardo O’Higgins e Hipólito da Costa (o patriarca da imprensa brasileira). Vencido pelos espanhóis, foi aprisionado em Cádiz até a sua morte.

Bernardo O’Higgins (1776-1842) foi o libertador do Chile e um tenente aliado de San Martín. Os dois cruzaram os Andes em direção ao Chile, em 1817, e derrotaram os espanhóis em Chacabuco.

Antônio José de Sucre (1795-1830), tenente de Bolívar, foi um general/político venezuelano, grande estrategista militar e um dos emancipadores da América Latina. Foi um dos artífices da independência da Bolívia e libertador do Equador. Ao ser emboscado por um grupo de seguidores de José María Obando, opositor de Bolívar, morreu assassinado.

Túpac Amará foi um cacique peruano cujo nome real era José Gabriel Condorcanqui. Como descendente de imperadores incas liderou a maior rebelião indígena da história das Américas nos tempos coloniais. A insurreição contra o domínio espanhol colocou o seu nome entre os que tentaram libertar as Américas da metrópole europeia. Túpac Amará foi capturado e executado após terríveis torturas, em 1781. Um grupo guerrilheiro maoísta peruano adotou o nome dele, no séc. XX.

Gaspar Francia, um mestiço de espanhóis e índio, nasceu por volta de 1742. Em 1780 liderou uma revolta frustrada contra o domínio espanhol sobre os indígenas. Em 1811 declarou a independência da então Província do Paraguai (que pertencia à “Confederação das Províncias Unidas”). O ato foi apoiado pelo Brasil, que estava “de olhos grandes” nas possibilidades do monopólio das explorações comerciais e estratégicas do Rio Paraguai.

A “Taça Libertadores da América”, cuja denominação infelizmente vem sendo gradativamente reduzida e empobrecida, tanto na semântica como na significação histórica, passou a ser denominada “Copa Toyota Libertadores” em função do

patrocínio da Fábrica de Automóveis Toyota. A partir de 2008 a competição entrou na sua 49ª edição e mais uma vez aconteceu a troca de nome, passando a se chamar “Copa Santander Libertadores”, devido ao patrocínio oficial do Banco Santander, substituindo a montadora Toyota. Até mesmo os comentaristas da Rede Globo de Televisão, que nunca se preocuparam em explicar bem para os telespectadores o porquê do histórico nome do torneio, quase sempre, nas suas transmissões futebolísticas, insistem em reduzir e empobrecer ainda mais o nome da competição que honra grandes personalidades da América: limitam-se, na maioria das vezes, a denominá-la apenas de “Libertadores”.

Apesar das empobrecedoras mudanças de nomes em função de interesses econômicos e do “marketing” e “endomarketing” que atualmente imperam no futebol, o torneio é o ainda é tradicional e o mais importante campeonato de clubes da América do Sul. Trata-se d’uma espetacular e mui rentável vitrine para os jogadores e seus clubes, para os produtos dos patrocinadores, com transmissão de quase 140 partidas envolvendo 38 equipes de 11 países, com audiência acumulada de quase 1,5 bilhões de espectadores por temporada. O campeão da competição fica habilitado para a disputa do vistoso e honroso título mundial de clubes, sob a organização da FIFA.



CONMEBOL



Versão desta crônica foi publicada originalmente no **Jornal de Minas**
(São João del-Rei/MG, Ano VII - Edição 99, 31 de maio de 2008).